

SAÚDE BEM

LONGE DE CASA

POPULAÇÃO ATENDIDA PELO PROGRAMA SAÚDE EM CASA DEVE FICAR PELO MENOS QUATRO MESES À ESPERA DO SUBSTITUTO

Nicolas Bonvakiades
Da equipe do Correio

Dois meses depois do fim do programa Saúde em Casa, que será substituído nos próximos meses pelo Saúde da Família, a população de cidades que eram servidas pelas "casas da saúde" (como eram chamados os pontos de atendimento) queixam-se da dificuldade em obter atendimento médico.

Maria Joana da Silva, 59 anos, desde os 22 sofre com a pressão alta. Nesse tempo todo, a razão do problema nunca foi descoberta. Somente no ano passado, Maria Joana ficou sabendo — pelo médico do extinto Saúde em Casa — que sofre dos rins. "Vivia indo de um médico para o outro e nunca descobriram nada", conta.

Durante o tempo que pode contar com atendimento médico na quadra em que mora, na QR 501 de Samambaia, Maria Joana tinha a pressão controlada diariamente. Quase cega por causa dos agravos à saúde, nem sempre podia se deslocar até lá. "Aí eles vinham aqui em casa para medir a pressão. Ela chega a 25", diz. Hoje em dia, só mede a pressão quando vai ao Plano Piloto, de vez em quando.

Ela estende o braço e mostra uma veia que parece um fio de alta tensão. "Quando tinha o médico aqui perto, era bom. Agora está muito ruim", avalia a mulher. A ida ao médico também é complicada por conta da dificuldade na visão. Ou vai de carro ou precisa de um acompanhante.

Moradora da mesma quadra, Elineide Maria de Souza, 39 anos, é outra com história de sofrimento físico para contar. "Estou com a barriga inchada. Do posto, me mandaram para o hospital. Do hospital, de volta para o posto", conta. O posto de Saúde mais próximo fica a quatro quilômetros de sua casa.

Ela desistiu do atendimento na rede pública de Saúde. "Não vou mais. Eles não resolvem nada e eu não tenho condição nem de dormir", diz. Ela conta que só precisou do Saúde em Casa uma vez. "Me serviu bem. O atendimento lá foi bom", afirma. Mesmo assim, acha que a proximidade da equipe de saúde faz falta. "Para mim nem tanto, mas para muita gente aqui da vizinhança faz muita falta", avalia.

Quem ainda insiste nos postos e hospitais públicos por teimosia ou por absoluta falta de opção, mesmo apoiando o corpo de médicos, ainda reclama. É o caso da dona-de-casa Maria José Duarte, moradora de Samambaia que, na terça-feira, procurou o Centro de Saúde 1 da cidade. "Vocês deram azar que hoje não tem nenhum médico atendendo. Mas desde que acabou o Saúde em Casa, a fila aqui

Fotos: Carlos Moura 29.3.99



Maria Joana já não pode mais medir a pressão com frequência porque não há mais médico perto de onde mora

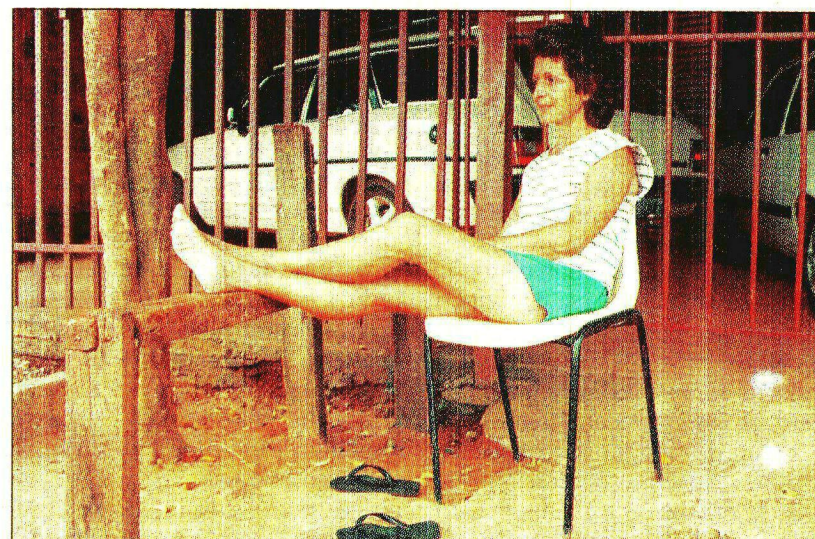
triplicou", diz. "O pessoal aqui é bom, atende bem, mas não tem gente suficiente para dar conta de todo mundo que precisa de atendimento", observa.

Se nos postos de Samambaia faltou fila e médico, na emergência do Hospital Regional de Taguatinga (HRT), onde os moradores da cidade vizinha são atendidos, só faltou médico. Obrigadas a esperar fora do prédio para (se tivessem sorte) serem atendidas as pessoas não poupavam críticas.

Morador de Ceilândia, Jacob Rebouças Souza, 31 anos, era um dos mais indignados e ironizava a situação. "Já viu lesma caminhar?", pergunta indicando a fila. "Eu era atendido pelo Saúde em Casa; toda a minha família. Agora a gente tem que enfrentar isso aqui", queixa-se.

A estudante Ana Paula Souza, 19 anos, sentia dores na perna em pé na fila. "Minha filha de seis meses era atendida no Saúde em Casa, agora não consigo atendimento para ela", afirma.

Outro a se queixar é o agricultor Carlos Alberto da Silva. Mora no Núcleo Rural de Samambaia e teve de levar a filha de 14 anos ao HRT por conta de uma simples amigdalite. Esperava desde as 6h. Às 11h30, ainda sem atendimento, era o retrato da irritação. "O pessoal do Saúde em Casa visitava todas as chácaras da região. Eles já sabiam dos problemas de todo mundo. Quando não podiam resolver, encaminhavam para o hospital", relata.



Elineide está com a barriga inchada: posto mais próximo fica a 4 km

Dinheiro escoia pelo ralo

O secretário de Saúde, Jofran Frejat, prevê que, em meados do próximo semestre, o Saúde da Família comece a funcionar.

O secretário—adjunto de Saúde, Paulo Kalume, afirma que não houve diminuição do movimento nas emergências dos hospitais com o Saúde em Casa. "O número de atendimentos subiu de 1,9 milhão em 1996, quando o programa começou, para 2 milhões em 1998", diz.

Segundo Kalume, a Secretaria de Saúde espera que diminua a quantidade de atendimentos nos pronto-socorros com o início das atividades do Saúde da Família trabalhando de forma integrada com postos de saúde melhor equipados.

O professor Flávio Goulart, do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília, avalia que se o novo programa atender aos padrões do modelo federal, não haverá grande diferença. De qualquer forma avalia que o Saúde em Casa era mais ambicioso que o Saúde da Família (o federal). "Havia uma certa dose extra de criatividade. A inclusão do atendimento odontológico no programa é exemplo disso. Mas ainda precisava de aprimoramento", comenta. Segundo o professor, a experimentação no funcionamento do programa é fundamental e em cada região há variações. Para o chefe do Departamento, professor Pedro Taill, lembra que o Saúde em Casa pretendia ser a porta de entrada do sistema público de saúde.

Pois a porta fica cada vez mais estreita como a da emergência do Hospital Regional de Taguatinga. Atualmente ela é fechada por grades que mantêm as pessoas que procuram atendimento do lado de fora, chuva ou faça sol. E as filas ali e em outras cidades são grandes.

Segundo a deputada distrital e ex-secretária de Saúde, Maria José Maninha (PT) o Saúde em Casa atendia a aproximadamente 1,4 milhão de pessoas em 14 cidades do DF. Isso quer dizer que mais de 70% da população

tinha uma opção extra de atendimento fora da rede tradicional em casos mais simples, nos quais os equipamentos de postos e hospitais fossem dispensáveis.

A deputada afirma que o movimento nas emergências dos hospitais chegou a ter queda de 30% depois de quase dois anos de funcionamento do programa.

"A tendência era diminuir mais ainda. Agora todo mundo volta para o sistema tradicional que já está sobrecarregado e com carências crônicas como a de clínicos", diz. "E ainda vai demostrar o mesmo tempo ou mais para recomendar a reverter esse quadro", prevê.

Maninha aponta ainda que o Governo do Distrito Federal, enquanto o Saúde da Família não é implantado, deixa de receber repasse específico da União — cerca de R\$ 800 mil. Pouco dinheiro comparado aos quase R\$ 6 milhões que

eram gastos com a manutenção do programa, mas ainda assim, dinheiro para a saúde.

O Ministério da Saúde confirma que recursos do Fundo Nacional de Saúde são repassados mensalmente ao DF para o programa. O último repasse foi referente a fevereiro (quando foi extinto o Saúde em Casa) e mais do que a metade do total do repasse para as ações básicas na área da saúde: R\$ 882 mil. Só que, para o Ministério, não chegou nenhuma comunicação oficial do governo local informando da suspensão, ainda que temporária, do programa. Ou seja, o valor referente a março deve ser entregue à Secretaria de Saúde para aplicação em um atendimento que a população não recebe. (NB)

APROVADO

"O programa Saúde em Casa deve continuar integralmente, deve continuar com algumas modificações ou não deve continuar de jeito nenhum no governo Roriz?" Foi uma pergunta feita a 847 pessoas no Distrito Federal, entre os dias 30 de março e 4 de abril, pelos pesquisadores do Instituto Soma Pesquisa e Mercado. Com margem de erro de 3,3%, o resultado da pesquisa revelou que 67% dos entrevistados preferiam que o Saúde em Casa continuasse funcionando sem nenhuma alteração. Outros 17% consideraram que deveria continuar com modificações e 15% opinaram que devia acabar.